

FACULDADE DE LETRAS  
INSTITUTO DE ARQUEOLOGIA

# CONIMBRIGA

*VOLUME XIX*



UNIVERSIDADE DE COIMBRA  
1980

DOI: [https://dx.doi.org/10.14195/1647-8657\\_19\\_10](https://dx.doi.org/10.14195/1647-8657_19_10)  
ISSN: 0084-9189

ANDREI ARICESCU, *Armata in Dobrogea Romana*, Editura Militară, Bucuresti, 1977, 312 pág., ilustrado.

Baseando-se em fontes literárias, epigráficas e arqueológicas, Andrei Aricescu procura delinear um quadro o mais exaustivo possível das relações entre o exército romano e o território designado por Dóbruja, que abrange sensivelmente o espaço romeno compreendido entre o rio Danúbio e o Mar Negro, região densadamente ocupada ao tempo dos Romanos, dada a sua fertilidade e situação.

Escrito em língua romena, o livro insere extensos resumos em Inglês (p. 234-254), Francês (p. 255-275) e Russo (p. 276-286), bem como índices muito úteis elaborados como os do GIL.

GIL = CIL

Após uma panorâmica dos progressos da investigação histórico-militar da Dóbruja romana (cap. I), o Autor enumera os dados colhidos sobre o exército romano durante o Alto Império (cap. II, p. 24-106) — legiões, tropas auxiliares e organização militar do território. O capítulo III (p. 107-133) estuda o Baixo Império: a composição do exército na sua dupla divisão de *Ripenses* e *Comitatenses* (estes, como é óbvio, de escassa representação ali), e a organização militar do território. Procura-se estudar no capítulo IV (p. 134-178), fundamentalmente com base nos itinerários e também nas pesquisas arqueológicas, quais as fortificações erguidas pelo exército e quais as vias de maior valor estratégico; aí, é importante o trabalho de identificação toponímica levado a efeito por Aricescu. O capítulo V — *Aspectos da vida dos soldados* — pequeno em extensão (p. 179-187), trata da existência de colégios e considera as divindades de cuja veneração restam vestígios epigráficos, aí se verificando a constante doutras zonas do Império: o soldado é elemento difusor da religião romana clássica e dos cultos recentemente introduzidos. Representando como que a súpula do trabalho, o capítulo VI (p. 188-197) analisa o papel relevante desempenhado pelo exército no processo de romanização do território dobrujano — os trabalhos públicos, a acção nos *canabae*, <sup>OS</sup> veteranos.

Enriquecem o livro um suplemento prosopográfico relativo aos soldados e aos veteranos, apresentados segundo o corpo militar a que pertencem; um outro, epigráfico, apresentado nessa mesma ordem, que inclui os diplomas respeitantes ao exército da Mésia e da Mésia Inferior; e um terceiro menciona as fortificações referidas pelos textos antigos e localiza os povoados sítos ao longo das vias estratégicas.

Os índices analíticos revestem-se também da maior utilidade. Só estimaríamos que, a propósito dum personagem, se mencionasse não apenas a página do texto onde ele é comentado mas também a página (ou o número) do documento epigráfico que lhe diz respeito no suplemento. De facto, muito bem apresentado tipograficamente — as gravuras e as fotos são, no geral, de boa qualidade (uma distracção na pág. 182, com a foto ao contrário)—, o volume põe, à partida, um problema metodológico que gostaríamos de ter visto discutido: o do valor probatório dos documentos utilizados, problema

que G. Forni equacionou convenientemente (*Estrazione étnica e sociale dei soldati delle legioni*, «Ausstieg und Niedergang der Römischen Welt» II, I, 1974, p. 339-391, sobretudo p. 344-348).

Para se provar que um corpo militar actuou em determinado local, dispomos efectivamente de fontes literárias, arqueológicas e epigráficas. Ressalvando-se a tendência ideológica do autor (facilmente detectável em geral) as fontes literárias dão-nos pistas válidas, embora habitualmente vagas e pouco sistemáticas.

Os vestígios arqueológicos —\* sobretudo quando apoiados pelas fontes escritas ou pela Epigrafia — são de imenso valor e praticamente irrefutáveis: a descoberta dum acampamento, de fortificações, de tijolos marcados, prova indubitavelmente a presença duma força militar.

Quanto à documentação epigráfica, porém, há que utilizá-la criteriosamente: os textos monumentais assinalando a actividade duma legião ou duma vexilação (n.º 14 = GIL III 6166, n.º 25), os textos votivos mandados lavar por um corpo militar (n.º 69 = GIL III 14 433) ou por um soldado no activo (n.º 35 = GIL III 7483), por exemplo, podem ser aduzidos como provas, sem grande necessidade de demonstrações ulteriores. O mesmo não sucede, todavia, com as inscrições funerárias, mormente quando respeitam veteranos ou quando erigidas por familiares.

Se um soldado morre em combate e um companheiro de armas ou irmão (n.º 53) lhe erige um monumento — é bem possível que o destacamento a que ambos pertencem tenha actuado no local em que o monumento epigráfico se achou; mas se os dedicantes são, afinal, os seus parentes, arriscamo-nos a afirmar que a unidade a que ele pertencia esteve na... sua terra natal (cfr. o citado artigo de Forni, p. 364). E o número de textos epigráficos não é suficientemente grande para abalizar certezas (idem, p. 344).

Quanto aos veteranos, se é certo que muita vez os longos períodos de serviço acabavam por enraizar o soldado ao local onde passara grande parte da sua vida (sobretudo após a autorização para casar outorgada por Septímio Severo (193-211) —cfr. FORNI, art. cit., p. 361, n.º 67), e o surgir duma vida mais buliçosa nos *canabae* (cfr. G. R. WATSON, *The Roman Soldier*, Bristol, 1969, p. 140-141) — o normal seria o regresso à terra de origem, onde podia ainda exercer funções prestigiosas (cfr. Emílio GABBA, *Esercito e Società nella Tarda Republica Romana*, Firenze, 1973, p. 140) ou fixar-se em cidades próximas, onde o requinte da civilização compensaria quiçá as agruras duma vida na guerra. Tomis, actual Constantza, poderia ter sido um desses locais de atracção — inúmeros veteranos se memoram em documentos epigráficos aí encontrados. Daí, a dificuldade: um texto como GIL III 12 498, relativo a um veterano da VII Legião Cláudia, cujo epitáfio foi erigido em Tómis pelos herdeiros e pela mulher (p. 44 e p. 221 n.º 60) não pode justificar, de per si, que essa legião actuou na Dóbruja; Andrei Aricescu, evidentemente, não o afirma aqui, mas o facto de não ter posto o problema metodológico pode induzir a ambiguidades como a que lemos no resumo francês, a propósito da Ala I Asturum: «L'unité se trouvait en Mésie

dès l'époque de Vespasien, vu l'inscription funéraire du vétéran *Ti. Claudius Saturninus*, retiré à Tomi» (p. 259, texto p. 50-51, inscrição n.º 71). Claro que A. Aricescu não se baseia apenas nesse epitáfio mandado gravar (mais uma vez) pela mulher e pelos filhos do veterano, para fazer essa afirmação — mas o raciocínio é, pelo menos, pouco claro, mormente quando se trate de corpos militares atestados somente por inscrições de veteranos (*Legio II Augusta, Legio VII Claudia, XII Fulminata e II Herculia*).

A. Aricescu reuniu inúmera documentação (142 epígrafes), e um que outro pequeno ajuste de raciocínio, feito inclusive à luz de novos achados, não deslustra de forma alguma o grande alcance histórico do seu trabalho.